

Maria de Fátima Outeirinho

Universidade do Porto

*Mulheres oitocentistas:
George Sand vista por
Maria Amália Vaz de Carvalho*

*A obra de George Sand ocupa um lugar enorme
na litteratura franceza d'este seculo(...)
A Ilustração, 1884*

Quando procuramos colher, em Portugal, testemunhos oitocentistas, no feminino, em torno da mulher, uma voz que se destaca é, sem dúvida, a de Maria Amália Vaz de Carvalho. Uma das poucas mulheres autoras portuguesas de então, Maria Amália Vaz de Carvalho apresenta uma vasta obra de carácter polígrafo que vai da poesia ao conto, da crónica ao estudo monográfico.¹ Mulher de convicções e de opiniões formadas, é autora de obras várias em torno da educação feminina como *Cartas a Luiza*, *Mulheres e Creanças* ou *Cartas a uma Noiva* e não despreza a imprensa periódica para, de modo sóbrio mas firme, expressar juízos e empreender reflexões sobre obras, autores, questões sociais que a actualidade vai convocando.

Numa época em que os papéis sociais masculinos e femininos se estribam em fronteiras que visam demarcar a esfera pública da esfera privada, cabendo ao homem as luzes da ribalta e à mulher os bastidores, esta figura feminina logra conquistar uma visibilidade singular e um capital simbólico de relevo, constituindo-se a sua opinião em objecto de atenção e de consideração para homens e mulheres do seu tempo.² A justificar

¹ Cf. por exemplo, *Uma Primavera de Mulher*, *Contos para os nossos filhos*, *Chronicas de Valentina* ou *Vida do Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein*.

² Não é por acaso que Maria Amália Vaz de Carvalho é a primeira mulher a dar entrada na Academia das Ciências nem que se deseje a sua colaboração em recém criados periódicos femininos como *A Voz Feminina*. Esta situação de excepção não faz esquecer, porém, o tratamento preconceituoso face à mulher de letras e, no caso português, Guiomar Torrezão é disso bom exemplo. Lembremos ainda a corrente denominação de *bas bleu*, aplicada à mulher autora, denominação de toada pejorativa, a revelar a atitude de sarcasmo de que a mulher escritora é objecto no século XIX, mulher que é vista como ridícula, sabichona, pretenciosa ou mesmo de moral duvidosa. Sobre estas questões consulte-se Maria de Fátima Outeirinho – “A mulher no folhetim”, *O Folhetim em Portugal no século XIX: uma nova janela no mundo das letras*, tese de doutoramento apresentada à FLUP, 2003, pp. 226-381.

tal ocorrência, talvez não seja despiendo lembrar que Maria Amália desde cedo se move em meios intelectuais e literários e ainda – razão não menos importante – não afronta a ordem estabelecida, defendendo e realizando na própria vida o esperado papel feminino de esposa e mãe. Boa parte da sua produção enquadra-se também ela, de algum modo, numa esfera do feminino pelas preocupações pedagógicas a que dá corpo e que não colocam em causa os quadros mentais da época e o conjunto de papéis sociais atribuídos quer ao homem, quer à mulher.

Numa atitude de suspeita face a movimentos e vozes de emancipação feminina, esta mulher autora defende que a mulher foi criada para ser esposa e mãe, “para depende[r] do braço amoroso que protege, escuda e cinge docemente”, porém admite formas de visibilidade social, no domínio da arte, da literatura e do ensino particular, tendo sempre presente a dignificação do papel da mulher a implicar o “progresso moral e intelectual do sexo feminino”.³ Para Amália Vaz de Carvalho, independentemente da criação de uma identidade pública, a mulher deverá sempre desempenhar uma missão social – desde logo pelo seu papel de educadora – e uma missão doméstica.⁴

As reflexões que empreende em torno do sexo feminino e que decorrem, por vezes, do aparecimento de novidades editoriais, da celebração de centenários, da necessidade de produzir escritos de intuito necrológico, são ocasião, por parte da autora, para pensar a mulher escritora, no que respeita a uma maior e legítima visibilidade da mulher, para pensar igualmente o quadro em que tal visibilidade tem lugar ou quais os atributos que apesar de tudo a escritora deve conservar e cultivar enquanto mulher.

Neste contexto, a pena de Maria Amália Vaz de Carvalho não pode deixar de se debruçar sobre George Sand, exemplo maior, à época, da mulher a circular na esfera pública, transgredindo expectativas e códigos sociais da sociedade burguesa do século XIX, uma “mulher de genio extraordinario e de não menos extraordinario viver”,⁵ amplamente conhecida pela sua obra – “Elle a été lue, pendant tout le XIXe siècle, par un très large public”⁶ – e pela sua tumultuosa vida sentimental. Em que termos então, Maria Amália, em textos que vão do final da década de setenta até aos primeiros anos do século XX, escreve, aos seus contemporâneos, sobre George Sand? Desde logo, através de uma constante adopção de uma perspectiva tainiana. Assim, por ocasião da morte de George Sand, Maria Amália afirma:

*Para produzir aquelle estranho aggregado de fragilidade e de grandeza, de loucura e de bondade, de desvairamento e de vigor intellectual, foi neccessária a combinação de todos os elementos contradictorios, que determinaram o seu nascimento e constituíram a sua educação, e o meio em que ella se desenvolveu e em que tinha de viver.*⁷

A lição tainiana continua em *Figuras de Hoje e de Hontem*,⁸ em *Ao correr do*

³ Cf. Valentina de Lucena [Maria Amália Vaz de Carvalho] – “A proposta de instrução feminina”, *O Commercio do Porto*, 13 Set., 1888.

⁴ Cf. Maria Amalia Vaz de Carvalho – “Atravez dos livros e das ideias”, *O Commercio do Porto*, 28 Abril, 1889.

⁵ Maria Amalia Vaz de Carvalho – *Figuras de Hoje e de Hontem*, Lisboa, Parceria Antonio M^o Pereira, 1902, p.181.

⁶ Béatrice Didier – “Prélude”, *George Sand*, Paris, adpf, 2004, p. 9.

⁷ Maria Amalia Vaz de Carvalho – *Serões no Campo*, Lisboa, Liv. Editora de Mattos Moreira & Cia, 1877, pp. 224-225.

⁸ Cf. “Georges Sand era ao mesmo tempo um producto genuino e um typo representativo do seu tempo” in Maria Amalia Vaz de Carvalho – “Georges Sand, sua vida e suas obras, por Wladimir Karénine”, *Figuras de Hoje e de Hontem*, op. cit., pp. 182 . Cf. idem, p. 184.

*Tempo*⁹, e as circunstâncias evocadas explicam então o facto de George Sand ser “producto híbrido, extranho, glorioso e sem sexo”¹⁰ ou então ser andrógino. George Sand não é ela apresentada na sua androginia em poema de Arsène Houssaye, citado por Maria Amália Vaz de Carvalho? Diz Houssaye: “O femme par le coeur, homme par le génie”.¹¹ Na verdade e como lembra Annelise Mauge em *Histoire des Femmes*, os contemporâneos de George Sand tendem a inscrevê-la no grupo masculino: “Homme, par exemple, George Sand, de par son pouvoir dans l’ordre de l’esprit. (...) Chateaubriand la compare à Byron, Henry James à Goethe (...). Très vite, elle n’est plus comparée aux hommes mais rangée parmi eux, et cette mutation ne s’accomplit pas seulement à distance, à travers l’élogieux articles: Sand devient un homme pour les hommes jusque dans la proximité de l’amitié”. E interroga-se ainda: “Androgyne, Sand? Peut-être; mais, parce qu’elle a du génie, homme d’abord, homme essentiellement”.¹²

Para Maria Amália Vaz de Carvalho importa igualmente assinalar o vulto romântico que foi George Sand, por ela considerada como “a expressão do romantismo mais puro e genuíno”¹³ e a acção maior exercida pela escritora na mulher oitocentista, a sua influência moral na leitora da geração romântica: “(...) as mulheres liam á noite, furtivamente, os livros incendiários d’aquella prodigiosa irmã que as entendia tão bem, e sonhavam allucinadas e convulsas, nas luctas dilacerantes do amor trahido, nos grandes affectos que redimem, no acre sabôr irritante do vedado pômo, em todas as pungentes e voluptuosas agonias da Paixão!”¹⁴ “Georges Sand produziu nas mulheres sem talento todos os funestos males, de que mais tarde o seu genio unico a salvou”.¹⁵ Todavia e no testemunho de outra mulher portuguesa oitocentista, Ana Plácido, a autora de *Consuelo* funcionará ainda como modelo e/ou estímulo para a mulher que se deseja autora. Ana Plácido incita as mulheres a abraçarem uma carreira literária, não se confinando ao papel de “governantes da casa” e de “boas mães de família” e observa:

*Sei que não podemos aspirar a um nome distincto como o de madame Stael, ou George Sand. A estas dotou-as a subtileza do engenho, a grandeza do genio, a vivacidade sublime que não possuímos desde que a marquesa de Alorna, e Catharina de Balsemão passaram sem herdeiras. Não dêmos ao homem a facil victoria da nossa inercia. Entremos desassombradas n’esse trilho em que os mesmos espinhos nos fazem esquecer outras dôres.*¹⁶

Anjo caído,¹⁷ Eva punida ou Madalena arrependida são também imagens recorrentes

⁹ Cf. Maria Amalia Vaz de Carvalho – “Georges Sand (Centenario e cartas de amor)”, *Ao Correr do Tempo*, Lisboa, Parceria Antonio M^o Pereira, 1906, p. 66.

¹⁰ Maria Amalia Vaz de Carvalho – *Serões no campo*, op. cit., pp. 226-227. Em *Cerebros e Corações*, Lisboa, Parceria Antonio M^o Pereira, 1903, p. 163, Maria Amália Vaz de Carvalho reitera uma imagem de mulher autora enquanto ser híbrido, afirmando: “(...) na França, quem diz *escriptora* diz uma creatura hybrida, mulher pela graça, pela singular compreensão dos mysterios da alma feminina, pela maneira especial e verdadeiramente seductora de escrever de analysar e de observar, mas lamentavelmente esquecida de tudo que nunca, nunca, deve ser esquecido pelo seu sexo”.

¹¹ Maria Amalia Vaz de Carvalho – *Serões no campo*, op. cit., p. 221.

¹² Annelise Mauge – “L’Eve Nouvelle et le Vieil Adam. Identités Sexuelles en Crise”, *Histoire des Femmes. Le XIXe Siècle*, vol. 4, dir. Georges Duby, Michelle Perrot, Paris, Plon, 1991, p. 539. Annelise Mauge dá mesmo o exemplo de Balzac e Flaubert.

¹³ Maria Amalia Vaz de Carvalho – *Ao Correr do Tempo*, op. cit., p. 73.

¹⁴ Maria Amalia Vaz de Carvalho – *Serões no Campo*, op. cit., p. 223.

¹⁵ Maria Amalia Vaz de Carvalho – *Ao Correr do Tempo*, op. cit., p. 69.

¹⁶ A. A. – “Horas de luz nas trevas de um carcere”, *A Revolução de Setembro*, 25 Maio, 1861.

¹⁷ Cf. Maria Amalia Vaz de Carvalho – *Serões no Campo*, op. cit., p.225, passagem em que Maria Amália enumera

nos escritos em que George Sand é objecto de reflexão ou de referência basilar para se falar da mulher escritora. Em 1876, o texto de Maria Amália inicia-se com a transcrição do poema a George Sand, acima referido, em que a autora de *Consuelo* é “fille de l’Amour et de la Liberté”, “docte Madeleine”, “pécheresse austère”, “nouvel ange déchu, nouvelle Eve punie” e Maria Amália Vaz de Carvalho, retomando tais epítetos, fala de Sand como “explendida” e “sublime peccadora que depois de uma longa quadra de meditação tranquilla e de austero arrependimento acaba de sumir-se”, “Magdalena mais gloriosa e mais sympathica, a quem se deve perdoar muito pelo muito que amou e padeceu”.¹⁸ As preocupações e princípios morais de Maria Amália, no que respeita à figura feminina, são a todo o momento sobriamente lembrados quer pela adopção de tais imagens, quer pela afirmação reiterada de que há leis universais e imutáveis que devem ser respeitadas. Deste modo, a imagem que a autora valoriza em George Sand é a da mulher arrependida, regenerada que se tornou avó amada¹⁹ sem contudo abrir mão de todo o seu génio criador:

O talento é que a levantou, é que a purificou pela dôr e pelo trabalho. E’ o seu sublime talento que faz com que a gente esqueça completamente a foragida de Nohant vestida de homem e pintando leques para viver, para só vermos diante dos nossos olhos a sublime avósinha d’esse mesmo Nohant que a acolheu ao cabo de tanto naufragio inglorio(....).²⁰

“(...) femme fatale, puis ‘bonne dame de Nohant’ ”,²¹ são imagens que afloram nas reflexões de Maria Amália Vaz de Carvalho, imagens que circularão até aos nossos dias, como observa Béatrice Didier.²²

A publicação das cartas trocadas entre George Sand e Musset, por alturas do centenário do seu nascimento, iniciativa que Maria Amália condena, será também motivo para de novo escrever sobre a escritora francesa, sublinhando, uma vez mais, o seu percurso de excepção e o lugar único por ela ocupado na república das letras:

Lamento que se escolhesse uma hora excepcional em que os erros da mulher mortal eram esquecidos para só serem lembrados as geniaes qualidades da immortal escriptora, para se attirar ao publico com esse capitulo de uma mocidade tempestuosa, que foi resgatada em todo o tempo por um genio como mulher alguma nunca possuiu, que foi resgatada mais tarde por uma velhice de bondade, de caridade, de abnegação e de trabalho.²³

A autora de *Serões no Campo* não pode então deixar de apodar George Sand de “mulher maior d’esto seculo” e de “mulher-prodigio”.²⁴

Ao valorizar claramente a regeneração, Maria Amália Vaz de Carvalho não esconde nem omite porém o desregramento moral no percurso biográfico desta “desgraçada

razões de hereditariedade e de educação que permitem explicar a vida de George Sand e refere então que lhe foi proporcionada a “pudica e senhoril delicadeza, que á mingua de principios solidos é tanta vez a salvaguarda da mulher, especie de instincto de arminho que afasta do atoleiro as naturezas aladas”.

¹⁸ Maria Amalia Vaz de Carvalho – *Serões no campo*, op. cit., pp.221-222 e 228.

¹⁹ Cf. *idem*, p. 223.

²⁰ Maria Amalia Vaz de Carvalho – *Figuras de Hoje e de Hontem*, op. cit., p. 243.

²¹ Béatrice Didier – op. cit., p. 8.

²² Cf. *ibidem*.

²³ Maria Amalia Vaz de Carvalho – *Ao Correr do tempo*, op. cit., p. 71.

²⁴ Maria Amalia Vaz de Carvalho – “A’ morte de Georges Sand”, *Serões no Campo*, op. cit., pp. 228 e 224, respectivamente.

grande mulher”,²⁵ precaução que seria de resto inútil face a um conhecimento generalizado da vida de George Sand, por parte dos leitores da época, decorrente precisamente do facto da escritora se mover de modo desusado na esfera pública. Sem necessitar de entrar em detalhes, Maria Amália Vaz de Carvalho alude aos “tempestuosos amores”, aos “erros sentimentaes”,²⁶ lembra-a, sugestivamente, como “Magdalena dos rapidos amores ardentes”, “symbolo de revolta e de independencia”, “musa dos desesperos *byronnianos*”,²⁷ fala da troca epistolar entre Sand e Musset como “extraordinarios documentos de loucura de uma época e do desvario de duas almas excepcionaes” e ainda do “ataque duradouro de epilepsia sentimental”.²⁸

Assim, apesar da sua não concordância em termos de conduta e princípios morais com a vida pessoal e amorosa de George Sand, Maria Amália não se coíbe de elogiar e realçar as qualidades da escritora francesa, dizendo mesmo: “A mulher separo-a da escriptora”.²⁹ Tal princípio permite-lhe acercar-se de obras de George Sand que reconhece como “incendiarias”³⁰ e afirmar: “Os seus primeiros romances *Indiana, Valentina, Lélia, André, Cartas de um viajante* são do maior interesse para mim, porque n’elles encontro mais a mulher com o seu apaixonado coração que a vida esmagava, triturava como se tritura e esmaga uma flôr para d’ella extrahir a essencia que contém”.³¹ Ora, a agitada vida sentimental de George Sand, o seu estatuto civil fora dum quadro legal moralmente aceitável, a existência de obras com figuras femininas transgressoras levará, por vezes, no Portugal oitocentista, a um certo cuidado por parte da imprensa periódica quando se trata de publicar em folhetim alguns dos seus escritos.³² Em 1861, o jornal *A Liberdade* publica *Lélia*, mas sem indicar o nome da autora. Na verdade, a referida obra foi, quando publicada, objecto de polémica pela alegada presença de incidentes autobiográficos escandalosos. Alguns anos mais tarde contudo, Maria Amália Vaz de Carvalho observará: “Indiana, Valentina, Lélia, contam numa linguagem só dellas, numa linguagem nova, perturbante, apaixonada, sincera, emphatica e de eloquencia unica, apesar dos seus defeitos, as amarguras, as revoltas, a melancolia grandiosa da mulher que ama fóra das leis prescriptas, da mulher que pensa, fóra dos moldes admitidos!”³³

Defensora de uma moral rigorosa, Maria Amália Vaz de Carvalho revela assim a capacidade de recuperar o que de louvável existe em figuras femininas que lograram conquistar de modo desusado à época um espaço de visibilidade pública. É de resto nessa ati-

²⁵ Maria Amalia Vaz de Carvalho – *Figuras de Hoje e de Hontem*, op. cit., p. 185.

²⁶ *Idem*, pp. 181-182. Nesta obra, refere-se em traços largos etapas da biografia de George Sand e eis como se fala de modo reprovador dos tempos subsequentes ao abandono da vida conjugal: “Seguiu-se o periodo verdadeiramente repulsivo desta vida sem freio algum moral”(p. 187).

²⁷ Maria Amalia Vaz de Carvalho – *Serões no Campo*, op. cit., pp. 222-223.

²⁸ Maria Amalia Vaz de Carvalho – *Ao Correr do tempo*, op. cit., pp. 65-67.

²⁹ Maria Amalia Vaz de Carvalho – “Georges Sand”, *Ao Correr do Tempo*, op. cit., p. 71.

³⁰ Maria Amalia Vaz de Carvalho – *Serões no Campo*, op. cit., p. 223.

³¹ Maria Amalia Vaz de Carvalho – “Georges Sand”, *Ao Correr do Tempo*, op. cit., p. 75.

³² Não é de facto por acaso que, em 1872, *O Primeiro de Janeiro* comenta a propósito de *Malgré tout* que este escrito respira a “mais pura moralidade” (*O Primeiro de Janeiro*, 22 Nov., 1871, p. 2) e de *Cesarina Dietrich* ajuiza, dizendo: “Podemos affiançar que a Cesarina sobreleva em interesse á maioria dos romances de Sand, excedendo-os quasi todos senão todos na composição d’estylo. Depois, moralissimo, como todo o livro da ultima phase de G. Sand” (*O Primeiro de Janeiro*, 11 Ag., 1872, p. 2). *Cesarina Dietrich*, em folhetim, estender-se-á de Agosto a Novembro de 1872; *Malgré tout* publicar-se-á até Fevereiro de 1872.

³³ Maria Amalia Vaz de Carvalho – *Figuras de Hoje e de Hontem*, op. cit., pp.187-188.

tude de princípio que a cronista, reconhecendo fragilidades morais em muitas mulheres célebres do seu tempo, consegue fazer a destriça e relevar as suas qualidades ou esquadriñar redutos de mérito, nomeadamente quando se trata do exercício da maternidade como sucede em “Inquerito ás mulheres celebres. O talento da mulher é um bem ou um mal”, escrito em que faz questão de incisivamente afirmar: “A mulher de génio póde ser, deve ser, melhor dona de casa, melhor mãe, melhor esposa, melhor amiga do que a mulher ignorante ou mediocre”.³⁴ Ou então: “A superioridade intellectual da mulher não diminue nem attenua, como hoje ainda falsamente propalam, a sua superioridade moral. Pelo contrario. Deve e póde requintal-a e aperfeçoa-la muito mais”.³⁵

Em 1886, o *Almanach das Senhoras* escrevia: “George Sand é o maior talento de mulher que até hoje tem apparecido no mundo, enchendo-o com os clarões da sua gloria e demonstrando a falsidade dos que negavam á mulher a faculdade imaginativa, capaz de a elevar, pelo pensamento, ao nivel do homem”.³⁶ Em *Cerebros e Corações*, Maria Amália Vaz de Carvalho, a propósito de “As Mulheres na Litteratura Actual em França”, registará que “Um dos fenomenos mais dignos de menção no momento actual é a invasão da mulher nos dominios que o homem, até aqui, orgulhosa e exclusivamente, se destinava”, nomeadamente no campo da literatura de ficção. E observará ainda que a literatura feminina “está [a dar] em França aos homens, o mais humilhante desmentido ácerca das suas theorias sobre a inferioridade do cerebro da mulher, sobre a sua impossibilidade de chegar a uma certa elevação esthetica que elle julgava ser apanagio da sua régia pessoa”.³⁷

Na verdade, os contemporâneos comumente reconhecem o génio criador de George Sand e Maria Amália Vaz de Carvalho não se constitui como excepção. Apesar da distância que a separa da criadora de *Consuelo* – no que respeita a princípios morais e práticas sociais – a autora de *Cartas a Luiza* faz uso do capital simbólico que detém, contribuindo mais uma vez, através da figura da escritora francesa, para pugnar por uma sustentada visibilidade da mulher. Amália Vaz de Carvalho não pode nem quer desperdiçar o exemplo maior das capacidades intellectuais e criativas do sexo feminino que é George Sand, pois tais capacidades justificam uma crescente presença da mulher na esfera pública, ainda que dentro do respeito e conservação dos tradicionais papéis femininos. A insistência na imagem da mulher de talento que se redime, e desde logo pela assunção de um papel maternal, cauciona todo um discurso que visa a dignificação do papel da mulher assente numa missão social e numa missão doméstica não impeditiva da criação de uma identidade pública.

³⁴ *Idem*, p. 244.

³⁵ *Idem*, p. 245.

³⁶ “George Sand”, *Almanach das Senhoras para 1887*, p. 60.

³⁷ Maria Amalia Vaz de Carvalho – *Cerebros e Corações*, *op. cit.*, pp. 153, 162, 164.